

Urgências discursivas... pesquisas menores: apontamentos acerca do ato de pesquisar em Análise do Discurso

TATIANA JARDIM GONÇALVES

SEEDUC, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

As lógicas de mundo geradas e mantidas no tecido social constituem políticas, discursos, instituem modos de vida e interferem no trânsito dos sujeitos. Nesta direção, os discursos exigem implicação, já que estes veiculam tais lógicas, se solidificam e constituem os sujeitos. Logo, as pesquisas que se ocupam com as discursividades necessitam acompanhar os processos sócio-históricos e compreender as inscrições dos/nos discursos a fim de produzirem percursos científicos cujos objetivos estejam vinculados à ética do cuidado e da assunção das discussões fundamentais. Proponho, então, neste texto, um debate em torno do ato de pesquisar discursos e, mais especificamente, em torno do que reconheço como urgências discursivas. A partir da concepção de Literatura Menor proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2023 [1975]), aponto e reflito sobre o que compreendo como pesquisa menor como uma lógica a ser assumida por quem trabalha com discursos. Esta proposta tem o objetivo de compor o coro de vozes que vem acentuando outras possibilidades e outras necessidades no pesquisar, caminhos que são exigências das demandas pesquisadas, pois são urgências sociais. Sendo assim, compreendo que a reflexão aqui proposta está no percurso de uma prática de pesquisa cujas perspectivas são decoloniais/contracoloniais, visto que ler os discursos presentes em uma sociedade já denota a compreensão da função criadora da linguagem, mas ler discursos a partir de um ferramental não hegemônico, a partir de enunciados inesperados indicadores de distintas discursividades, é observar o funcionamento de lógicas de mundo e ressaltar a importância de assumirmos contracondutas.

Palavras-chave: pesquisa; prática discursiva; rupturas; pesquisa menor.

ABSTRACT

The logics of the world generated and maintained in the social fabric constitute policies, discourses, institute ways of life and interfere in the transit of subjects. In this sense, discourses require implication, since they convey these logics, solidify and constitute subjects. Therefore, research that deals with discourses needs to follow socio-historical processes and understand the inscriptions of discourses in order to produce scientific paths whose objectives are linked to the ethics of care and the assumption of fundamental discussions. In this text, I propose a debate around the act of researching discourses and, more specifically, around what I recognize as discursive urgencies. Based on the concept of Minor Literature proposed by Gilles Deleuze and Félix Guattari (2023 [1975]), I point out and reflect on what I understand as minor research as a logic to be assumed by those who work with discourses. This proposal aims to join the chorus of voices that has been emphasizing other possibilities and other needs in research, paths that are required by the demands being researched, because they are social urgencies. Therefore, I understand that the reflection proposed here is on the path of a research practice whose perspectives are decolonial/countercolonial, since reading the discourses present in a society already denotes an understanding of the creative function of language, but reading discourses from a non-hegemonic tool, from unexpected statements that are indicators of different discursivities is to observe the functioning of world logics and to emphasize the importance of assuming a counter-conduct.

Keywords: research; discursive practice; ruptures; minor research.

1. PALAVRAS INICIAIS

Trabalhadoras e trabalhadores sociais que se ocupam com o discurso encontram-se em um ou em muitos territórios arenosos e nada pacíficos. Isso porque se deparar ou lidar com o discurso, ou melhor, com práticas discursivas, é uma tarefa complexa, tendo em vista o fato de estas comportarem distintos elementos, serem instâncias complexas. Como pesquisadores e sujeitos do mundo, vamos encontrando e exercendo aquelas práticas discursivas mais prototípicas, isto é, mais padronizadas, detentoras de caracteres que encarnam certas lógicas; mas encontramos também aquelas que parecem ser um escoamento destas. Encontramos práticas discursivas que, embora apareçam, muitas vezes, em lugares díspares, sejam colocadas em cena em épocas distintas por diferentes sujeitos e tenham materialidades que pareçam não se aproximar daquelas que são reconhecíveis, carregam o regular, o similar. Esses enunciados que acontecem no correr dos dias, das horas, que aparecem nas circunstâncias corriqueiras e até insuspeitas de enunciação parecem atuar como perpetuadores de lógicas, de alianças éticas.

Nesse sentido, é possível afirmar que a ocupação do trabalhador social que lida com as práticas discursivas é também estar atento a esse escoamento que carrega, mantém elementos que constituem o que aprisiona e o que liberta. Trata-se, portanto, de considerarmos este escoamento como urgência, trata-se de concebermos que há em curso urgências discursivas que nos convocam, incessantemente, a compreender a engrenagem sócio-histórica para pensarmos e tentarmos construir um cenário social saudável. É preciso, então, atentarmos para o fato de que estas urgências exigem diferentes tomadas de posição, exigem perspectivas decoloniais e cartográficas dos elementos que compõem o ato de pesquisar.

2. O QUE ESTOU CHAMANDO DE URGÊNCIA DISCURSIVA?

Não é demais reafirmar que as práticas discursivas produzem e sustentam realidades. Com isso, é fundamental reafirmar também que as discursividades são constituídas por verdades e lógicas de uma conjuntura que as reafirma, atualiza ou gera um novo direcionamento. Uma prática discursiva assim o é pelo fato de comportar regularidades de ordem material, ou seja, a materialidade que a constitui explicita uma constância que nos faz captar um dado modo de produção discursiva; mas também se caracteriza pelo fato de convocar uma regularidade não material inerente à verdade que a constitui. Há, como já afirmado, práticas discursivas mais definidas, ou seja, aquelas que carregam, de forma mais evidente, as lógicas que as atravessam, as lógicas praticadas por certos agrupamentos subjetivos. Essas práticas discursivas, no entanto, não transitam de forma solitária e absoluta, pois, além de haver o embate de vozes, de perspectivas constitutivas da sociedade, há também as produções que parecem menores, insuspeitas, que parecem nem fazer parte de uma lógica discursiva por se manifestarem de forma mais fluida ou menos rigorosa.

Michel Foucault traça um percurso relativo às práticas discursivas e, com isso, assinala que é fundamental compreendermos e atentarmos para as formações discursivas. O autor afirma que

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, *semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade* (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2016 [1969], p. 47, grifo meu).

Precisamos, então, partir do princípio de que a reunião de elementos que atuam conjuntamente gera o que chamamos de prática discursiva. Tal premissa fundamenta a identificação da existência de uma dada prática, a produção de enunciados vinculados a esta e o reconhecimento de seus traços em produções menos prototípicas, menos evidentes de uma dada cadeia discursiva.

Esta é a premissa para o que compreendo como urgência discursiva. Se as regularidades constituem uma prática discursiva, se uma prática discursiva carrega marcas de tempo, espaço e subjetividades determinados, se há embates e reformulações destas, significa que as práticas podem se apresentar de diferentes formas, podem percorrer o tempo, podem escoar dos domínios de sentido a que se associam. Assim, o que foge, o que escoar, o que aparenta não ter relação com os traços de certas práticas discursivas transita, é colocado em prática por nós. Portanto, estamos diante de urgências discursivas, uma vez que estas, em virtude de sua não evidência, deixam rastros acerca da realidade em que estamos inseridos, acerca do que é conservado no âmbito histórico.

Partindo desta pista, compreendo que uma urgência discursiva pode ser caracterizada pela presença de perspectivas, de ordens de mundo, homogeneizantes ou não, em enunciados díspares mesmo que estes apresentem de forma menos explícita as regularidades das lógicas que os sustentam. Desse modo, a possibilidade de encontramos em enunciados díspares e insuspeitos que apresentam ou não as peculiaridades das lógicas que os formam (a sintaxe do enunciado, o vocabulário, os sujeitos que enunciam, o espaço etc.), as regularidades que nos conduzam a perspectivas, a ordens de mundo, não só consolidam a concepção de prática discursiva como também instituem outras perspectivas de ocupação e atenção de trabalhadores sociais e sujeitos no mundo, pois estes enunciados aparentemente desgarrados que circulam na sociedade mantêm, reformulam ou combatem certas lógicas. Por isso, é fundamental construirmos práticas de pesquisa e de análise que permitam traçarmos os percursos destas urgências discursivas, que possibilitem compreendermos territórios. É preciso delinear pesquisas não hegemônicas, é preciso atuarmos no terreno das pesquisas menores.

3. URGÊNCIAS DISCURSIVAS... PESQUISAS MENORES

Apesar das desconstruções que se operam, ainda está em curso na sociedade a lógica homogeneizante de mundo. Isso atravessa as relações, produz subjetividade e ancora práticas languageiras. Com a ciência não seria diferente. Pelo fato de ainda vivenciarmos a experiência colonial, a prática científica produz e reproduz modelos que não se aplicam adequadamente aos objetos estudados, pois o que denominamos como objeto é, na verdade, uma produção engendrada nas reações, nas rupturas, nas descontinuidades e nos acolhimentos. Logo, o ato de pesquisar não pode ser compreendido como um ato cujos passos, cujas etapas estejam garantidas, cuja metodologia seja fixa e esteja amparada por noções fixas. Quando estamos no terreno das práticas discursivas e, mais especificamente, no território do que insisto em compreender como urgência discursiva, das enunciabilidades que exigem tomadas de posição de um trabalhador social, necessitamos assumir uma lógica de pesquisa que contemple, efetivamente, o múltiplo, o descontínuo, o inesperado.

É fundamental, portanto, assumirmos perspectivas não hegemônicas de ciência, universidade, língua, pesquisa, pesquisador etc. É preciso trabalhar com estas instâncias como produções que têm uma estabilidade porque são reiteradas e, ao mesmo tempo, não a têm, porque vão sendo reformuladas, reconfiguradas no

trato social. É necessário travarmos uma batalha com o maior, com o instituído, para fazermos isso. Deleuze e Guattari (2023 [1975]), ao tratarem da literatura produzida por Kafka, abordam a menoridade desta. Para os autores, os conceitos de maior e menor não envolvem dimensão, mas, respectivamente, o instituído, homogeneizante e o que irrompe, o que foge, o que produz outros caminhos. Os autores questionam “[...] como arrancar da sua própria língua uma literatura menor, capaz de escavar a linguagem, e de fazê-la escoar seguindo a linha revolucionária sóbria? Como devir o nômade e o imigrante e o cigano de sua própria língua?” (DELEUZE; GUATTARI, 2023 [1975], p. 40-41). Para esses autores, que propõem uma filosofia da diferença, o menor diz respeito ao que as minorias fazem no interior de uma língua maior, ou seja, às transgressões que são feitas mesmo diante das produções operadas a partir da hegemonia instituída em uma língua.

Na mesma esteira, a historiadora Beatriz Nascimento também questiona a unicidade no âmbito da produção do conhecimento, ao empreender seu estudo sobre os quilombos. No seu entendimento orgânico de quilombo e de história, também confronta o “maior”, o homogêneo: “Como fazer, como escrever a História sem se deixar escravizar pela abordagem da mesma, fragmentariamente?” (NASCIMENTO, 1974, p. 42). Estamos, portanto, no território da ética, das alianças que precisam ser assumidas e firmadas para a assunção de um modo de pesquisar que não é inédito, mas que exige uma conduta alinhada a questões cruciais da sociedade em que estamos inseridos.

Sendo assim, a ocupação com as práticas discursivas e, mais especificamente, com as urgências discursivas pode ser orientada a partir da perspectiva do que quero denominar aqui como pesquisa menor, isto é, a partir de uma concepção de pesquisa que contemple a multiplicidade, que abarque outras lógicas, distinguindo-se da lógica ocidental que não abarca e não cumpre efetivamente a tarefa de percorrer o múltiplo. Nesse sentido, fundamentalmente e, sobretudo, eticamente, precisamos compreender que pesquisar em Análise do Discurso é habitar um território existencial, conforme defendem Alvarez e Passos (2015), para compreender as diferentes possibilidades de percurso e de construção. Portanto, é fundamental operarmos a partir das (des)territorializações, porque é primordial deslocarmos conceitos, criarmos denominações, problematizarmos certos códigos que até o momento constituem o modo de pesquisar. É fundamental compreender que assumir esta direção é reconhecer os limites de uma metodologia linear, é assumir o pesquisar como um trajeto que vais assumir dados contornos. Logo, como apostam Deusdará e Rocha (2021, p. 203), é preferível falar em atitude ou perspectiva cartográfica, “visto que o que propõe tem impactos sobre a própria forma de conceber e se relacionar com o conhecimento e a prática de investigação”.

Podemos, ainda, afirmar que uma prática fundamentada na lógica de uma pesquisa menor não pode prescindir de uma prática de escrita e de leitura baseada na concepção de língua menor, conforme apontam Deleuze e Guattari (2023 [1975]). A língua, em uma pesquisa menor, deve ser aquela que questiona, mas também aquela que, na materialidade dos textos produzidos, mostra o rompimento com o cânon, apresenta outros percursos para fazer circular linguisticamente o conhecimento. Outra (des)territorialização primordial é a da ciência. A perspectiva de ciência, em uma pesquisa menor, precisa ser margeante, ou seja, precisa ser aquela que convoca as margens para falar, que mostra o objeto como instância em construção e em movimento. Deve ocorrer, portanto, a (des)territorialização da ciência durante todo o processo da pesquisa. A assunção permanente do sujeito como produção e como agente também fazem parte desta prática de pesquisa menor. O *corpus* de uma pesquisa menor é outro ponto ético, pois ele não é um produto acabado aguardando a análise, mas produzido a partir dos diferentes movimentos do pesquisador, das

materialidades, das coordenadas espaço-temporais, então a lógica de *corpus* em uma pesquisa menor é a concepção de uma produção oriunda do toque, do trajeto, das relações, do saber do corpo etc. Nesta esteira, uma pesquisa menor pode ser compreendida como um investimento fora do corporativismo do poder instituído, como uma das práticas das emergências, das vinculações epistemológicas. Como já foi dito, não se trata de ineditismo no campo material, mas de inovação na perspectiva ética, inovação que tem relação com invenção de mundo, com invenção do modo de compreender a realidade para pensar em soluções. No nosso caso, soluções que passem pelas práticas discursivas.

4. UMA URGÊNCIA DISCURSIVA: UMA EXPERIMENTAÇÃO

Compreendendo a urgência discursiva como um escoamento de práticas discursivas vigentes e mais prototípicas de certas lógicas e, ainda, sendo a pesquisa menor um entendimento de investigação que mescla uma conduta permanentemente atenta às reconfigurações das práticas discursivas e a um fazer desterritorializado; é necessário mostrar esta operacionalização. Apresento, a seguir, um breve exercício de análise a fim de explicitar o percurso e o território a que se vincula a urgência discursiva em questão.

Os enunciados que se enquadram no que denomino aqui como urgência discursiva são aqueles que parecem estar descolados de uma esfera discursiva, que parecem ser uma produção individual. Como o *corpus* de uma pesquisa menor não é uma produção *a priori*, acabada, aguardando leituras, análises, cabe salientar que os enunciados lidos, analisados, não são uma escolha, mas produções geradas pela sensibilidade inerente à pesquisa, ao pesquisador e a um pesquisar que acompanha processos. Portanto,

[...] recusar a designação “coleta de dados” ou “coleta de corpus” não significa buscar um outro nome para o “mesmo” trabalho. Trata-se do projeto de buscar afirmar nas expressões que usamos uma concepção de prática científica que reusa a inglória tarefa de neutralização/apagamento da complexa vinculação do pesquisador com o campo de investigação. (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021, p. 151)

Sendo assim, o enunciado aqui lido é uma produção singular atrelada a um campo de coexistências de sentido. Não há enunciados soltos, livres, pois um enunciado, como postula Foucault (2016 [1969], p. 118), é uma função enunciativa e “[...] para que se trate de um enunciado é preciso relacioná-la com todo o campo adjacente”. Então, o enunciado aqui lido vincula-se a verdades historicamente constituídas, a sujeitos, aos outros enunciados que comportam os mesmos traços, mas também a diferentes leituras, a diferentes aparatos, a minha implicação como trabalhadora social, como sujeito no mundo. O enunciado que comporta uma urgência discursiva é um comentário acerca da série *Bridgerton*. A série, uma superprodução da Netflix, retrata a trajetória de uma família real da Inglaterra no início dos anos 1800. O comentário, proferido em uma roda de conversa, foi “A série não tem nada a ver com o livro. Em primeiro lugar, no livro não há menção a uma rainha negra. Eu não tenho nada contra, mas naquele tempo não tinha”. A condição de produção que sustenta este enunciado alia trivialidade (roda de conversa) e regularidade atrelada a conjuntura que ainda propicia traçar percursos inerentes à racialidade. Deleuze e Guattari (2023 [1975]) defendem que um enunciado é sempre coletivo, pois são jurídicos, isto é, gerados por regras que não estão atreladas somente ao âmbito estrutural, mas aos agenciamentos, às agências sócio-históricas em curso.

Sendo assim, o enunciado analisado deve ser compreendido no bojo das enunciações em que a racialidade é o elemento agenciador. Ao argumentar que o livro não faz menção a uma rainha negra para justificar a proposição da falta de relação entre livro e série, a enunciativa age discursivamente no campo do não dito, do subentendido que, como assevera Ducrot (1987), trata-se de uma informação não dita que pode ser captada por um raciocínio não linguístico. Não estamos, portanto, no campo da lógica, mas no campo das apreensões de sentidos que só podem se dar se considerarmos a história, as produções erguidas ou mantidas em conjunturas específicas. A não explicitação de uma rainha negra no livro, para o enunciador, é a tradução da ausência da possibilidade de as pessoas negras ocuparem um lugar de poder. A argumentação se estende, de forma sentenciosa, com duas negações: "*Não tenho nada contra, mas naquele tempo não tinha*". A primeira negação cumpre o papel de autodefesa, ou seja, o enunciador se isenta de acusações relativas a racismo. Já a segunda negação está atrelada à consciência historicamente construída em torno das ausências atribuídas a pessoas negras. Sabemos que, para subalternizar os corpos negros, foram erguidas teorias e lógicas que atribuíram a estes a ausência de alma, de civilização e de conhecimento. Sendo assim, este enunciado, embora tenha sido proferido individualmente, faz parte de uma cadeia de enunciados que guardam o mesmo princípio e estão atrelados ao mesmo regime enunciativo. É possível compreendê-lo, portanto, como uma urgência discursiva pelo seu descolamento de uma esfera mais fixa e reconhecível e, sobretudo, pelo seu caráter de trivialidade que se vincula às naturalizações firmadas historicamente. O enunciado, como função enunciativa, para lembrar mais uma vez a lição deixada por Foucault, é singular porque, apesar de diferente em sua constituição e circulação, cumpre uma função no conjunto das práticas discursivas cuja raça é a lógica fundante.

5. PALAVRAS FINAIS

As lógicas, as ordens de mundo regem as trajetórias, os corpos, a língua e as práticas discursivas. Tais ordens podem ser de achatamento, de homogeneização, de colonização, mas também podem ser de fuga, de contestação, de contracolonização, de produção de outros modos de vida etc. Esta constelação de veridicções e de projeções sobre o mundo e sobre a vida nos encontra, rege e organiza as esferas em que nos inserimos, os sistemas que nos orientam. Nesta direção, é imperioso compreender que todo enunciado emerge a partir de uma engrenagem sócio-histórica que é a condição da sua produção, da sua circulação e da sua sustentação.

Desse modo, todo enunciado, por mais corriqueiro e simples que pareça, é uma das peças que compõe as engrenagens discursivas, as práticas discursivas que transitam no tempo e no espaço, se mantêm ou se reconfiguram. É nesta direção que devemos compreender as urgências discursivas. Como exposto ao longo do texto, estas podem ser compreendidas como o escoamento das práticas discursivas mais sólidas, naturalizadas e reconhecíveis, e é exatamente este aspecto de trivialidade e de descolamento que deve nos afetar, é para isto que devemos estar atentos, já que isto comporta as naturalizações que atuam sobre a vida.

As urgências discursivas estão, portanto, para as urgências que exigem de pesquisadoras e de pesquisadores o olhar para um trabalho que se ocupe, de fato, com o social que nos cerca, que se ocupe com questões que sustentam o perfil de sociedade que temos, os nossos cotidianos, as nossas práticas de vida e de morte. As urgências discursivas, então, sejam aquelas que achatam ou aquelas que se insurgem,

precisam ser desejo de pesquisa e precisam ser compreendidas em uma perspectiva efetivamente menor, ou seja, fora dos caminhos pré-estabelecidos, na presença das questões e dos referenciais que comportem a tarefa de refazer caminhos, de apontar dinâmicas das engrenagens e de produzir outras possibilidades de ciência, de pesquisa e de mundo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Sobre o que podemos não fazer. *In*: AGAMBEN, G. **Nudez**. Tradução: Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 69-73.
- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2023 [1975].
- DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. **Análise Cartográfica do Discurso**. São Paulo: Mercado de Letras, 2021.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016 [1969].
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por homens negros. *In*: NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Filhos da África, 2018.
- ROLNIK, Suely. **É preciso fazer um trabalho de descolonização do desejo**. Entrevista concedida a Sarah Babiker. El Salto, 24/07/19. Tradução: Cepat. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591109-e-preciso-fazer-um-trabalho-de-descolonizacao-do-desejo-entrevista-com-suely-rolnik>>. Acesso em: 20 maio 2024.